

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades

4 a 6 de agosto de 2014

Universidade Federal do Espírito Santo

UMA ANÁLISE DOS GÊNEROS DA MÍDIA EM RELAÇÃO À COPA MUNDIAL DE 2014 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO RACISTA.

*Profª. Drª. Jurema Oliveira (Ufes)*¹

*Aila Ferreira Felício (Aluna de Graduação - UFES)*²

RESUMO

Esse artigo retrata uma análise de alguns textos da Mídia em relação à Copa Mundial de 2014, em específico, a escolha da FIFA em relação aos atores que fizeram o sorteio dos times da copa. Essa escolha gerou polêmica, e os discursos que circulam na mídia, por sua vez, mostram o racismo não só como fenômeno da desigualdade social como é visto em diversos países da América Latina, no entanto, revelam também a construção e confirmação de preconceitos interligados a estereótipos e ideologias ressaltadas por diversos discursos. Neste contexto sociocultural, evidenciam-se com clareza os espaços sociais destinados a grupos de certas etnias e a produção de um contradiscurso que começa a permear alguns meios devido a essas ações.

Palavras Chaves: Copa Mundial; Racismo; Estereótipo; Ideologia; Análise do Discurso

¹ Profª. Drª. Jurema Oliveira – Pós-doutora pela Universidade Federal Fluminense – Uff e professora da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes

² Aila Ferreira Felício – Aluna de Graduação em Letras – Português/Espanhol da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

INTRODUÇÃO

Esse trabalho se volta para as formas simbólicas dos discursos midiáticos brasileiros, em relação à escolha dos atores Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert para o sorteio de times que ocorreu no dia 6 de dezembro de 2013. A análise empreendida insere-se no campo de ideologia e estereótipo, na perspectiva do estudioso Van Dijk, que ressalta as práticas racistas não só como um problema da desigualdade social, mas como uma construção que se configura por meio de diversos discursos.

Esses discursos são interiorizados e a partir disso se constrói uma sociedade que inconscientemente reproduz as mesmas práticas racistas aprendidas no contexto social, sendo o *Habitus* dominante. Assim, percebe-se que afirmar o racismo apenas como um problema da desigualdade de classe faz com que esse problema não seja resolvido. Outra questão que também oculta esse problema no país é considerar e afirmar que a miscigenação (esquecendo que o Brasil passou e passa por processo de embranquecimento) retrata o país da igualdade, sendo que nos espaços de poder não se encontra essa mistura e a Copa Mundial retrata essa realidade, pois mostra qual é o espaço destinado aos negros(as) nesse contexto social.

Os escassos textos que reproduzem o contradiscurso que tenta combater as agressões da grande Mídia também serão analisados. Esse contradiscurso se faz necessário, pelo fato dos discursos se tornarem responsáveis pela construção da identidade e valorização da cultura, sendo a grande mídia reprodutora e defensora de uma elite branca. O livro *Pluralismo e Multiculturalismo Racismo e Anti-Racismo no Brasil* de Jacques D'adesky, contribui para essa análise, esclarecendo o papel da Mídia.

A COPA MUNDIAL E OS ELEMENTOS SOCIAIS DESTACADOS NA MÍDIA.

Um dos eventos mais importantes que ocorrerão no Brasil no ano de 2014 é a Copa Mundial. Esse evento, por sua vez, exige uma grande

preparação que retrata o Universo Cultural do país que irá sediar o evento. Dessa forma, tem-se a perspectiva de que as escolhas que permeiam esse ambiente sejam o reflexo da multiculturalidade do país, considerando os aspectos da cultura afro-brasileira que permeiam o cenário brasileiro.

Diversos elementos são enquadrados nesse grande evento como: escolha de mascotes, músicos, dançarinos e celebridades que compõem, juntamente, com o futebol a Copa Mundial. A polêmica pelo fato de a Rede Globo ter indicado uma dupla de atores negros, Camila Pitanga e Lázaro Ramos, para participarem do sorteio, mostra a posição da Federação Internacional de Futebol Associado, FIFA, como uma instituição conservadora e essa prática ressalta o racismo institucional presente em diversos âmbitos da sociedade.

Ao analisar a maior emissora de TV do Brasil, Globo, percebe-se que o fato de ter indicado Camila Pitanga e Lázaro Ramos não a classifica como menos racista, pois ao analisar o número de atores negros presentes na emissora entende-se o reflexo de uma sociedade racista, ou melhor, analisando o papel que as minorias (negros, homossexuais, mulheres) assumem na dramaturgia, construindo e reproduzindo estereótipos e ideologias, reforçam diversos preconceitos e ressalta o modelo dominante a ser seguido, o padrão, que é sempre o do branco.

Quando mencionar neste trabalho o “branco” e o “negro” não estará se referindo somente ao homem branco e negro, mas aos sistemas culturais que permeiam a realidade de ambos no contexto social. E a mídia discrimina a estrutura do negro, os espaços que o homem e a mulher negra se fazem presentes são espaços da música, dança e outros. No entanto, os espaços de poder são negados e se reforça a ideia de que este espaço não é dele. Pode-se considerar o que Van Dijk retrata sobre as elites simbólicas, classificando que a forma mais eminente de disseminar o racismo são as elites simbólicas brancas, os mesmos estão presentes na mídia, na construção de livros didáticos, na investigação judicial, entre outros (DIJK, 2012, p.16).

O espaço que os negros (as) devem atuar, a partir de uma imposição social, é explícito no cenário da Copa Mundial, os papéis que dizem respeito ao

entretenimento é do negro por direito, sendo a música e a dança, mas para o sorteio de times o ideal é que seja um homem e uma mulher branca. Assim, pode-se negar a democracia racial, justificada pela miscigenação. A análise dos estereótipos construídos pelos meios de comunicação que retratam o conceito de beleza padrão - pertencentes à Elite simbólica branca - justifica porque diversos atores negros não estão na televisão brasileira e também não ocupam outros cargos de poder.

“Para nossa análise, a forma de agir na seleção de atores traduz um racismo que reflete não somente a estrutura da desigualdade racial da sociedade brasileira, mas reforça também a primazia dos grupos que supostamente pensam encarnar o conceito de beleza, o ideal estético, em detrimento dos grupos depreciados”
(D’ADESKI, Jacques p. 92)

FERNANDA LIMA E A REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO DOMINANTE NO BRASIL

Em meio à polêmica escolha do casal de apresentadores do sorteio dos grupos da copa, uma fala pode representar bem a ideologia implícita por trás disso. Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, na coluna de Mônica Bergamo, Fernanda Lima rebate as acusações de racismo do ocorrido declarando: "O que eu tenho a ver com isso? Só porque eu sou branquinha?". Mais adiante na entrevista, Fernanda ainda diz: "Não levanto bandeiras [...] e não alimento esse tipo de coisa (discriminação)". Apesar da informalidade do gênero em que está publicada a entrevista – uma coluna social -, isso não a torna menos desfavorecida à observação e análise, e, nem livra Fernanda de ter uma postura mais crítica e racional diante dos fatos. Fernanda diz que foi contratada e irá cumprir o seu trabalho. Tal postura pode se enquadrar no conceito de alienação de Marx como ilustra Cristina Costa:

Marx absorveu esse sentido, dizendo que a indústria, a propriedade privada e o assalariamento alienam ou

separam o operário dos 'meios de produção' e do fruto do seu trabalho, que se tornam propriedade privada do empresário capitalista. Assim, o operário por consequência, também se torna estranho, alienado em relação à natureza onde vive, a si mesmo e aos demais seres humanos. (COSTA, Cristina, 2010, pg. 65-65)

Inserida na sociedade capitalista, a posição da artista branca só representa e massifica ainda mais o discurso dominante que permeia a nossa falsa ideia de democracia racial (que será ampliado mais adiante). Contratada como mestre de cerimônia do evento, Fernanda se separa dos demais, ao dizer que está apenas cumprindo seu papel como contratada (operária), e assim não se importando com os acontecimentos e fatos ao redor de sua contratação pela FIFA (empresários capitalistas) e menos ainda questiona o posicionamento deles.

Em outro momento da entrevista, Fernanda ainda deslegitima os movimentos sociais, quando perguntada se ela acha que há uma tendência a tudo virar polêmica: "Por conta dos anônimos, né? Os anônimos agora ganharam voz, qualquer coisa que eles falam, botam no vento e os outros vão inventando". Esses anônimos que Fernanda diz, são historicamente dominados pelo discurso de uma dominação branca. Se olhar-se o passado, veremos essas diferenças históricas de dominação branca. Como mostra o ensaio de Paulo Vinicius Baptista da Silva e Fúlvia Rosemberg (2012, pg. 75-76) publicado no livro "Racismo e Discurso na América Latina" sob o título de "Brasil: lugares de negros e brancos na mídia" - obra organizado por Teun Van Dijk -, após abolição da escravidão, não houve nenhuma política de reinserção do negro na sociedade e o Estado brasileiro em consonância com as políticas racistas da Europa do século XIX e como forma de escapar da rejeição europeia, estimulou a imigração europeia na tentativa de clarear a população brasileira. Desde aquela época, a dominação branca ainda se mantém, como mostram diversos indicadores sociais, revelados em uma pesquisa do IBGE de 2003 que aponta maior população branca ao concluir o ensino superior quando comparado a população negra.

No que tange a literatura brasileira moderna, Dalcastagnè (2005) identifica 80% de personagens contra somente 14% de personagens negros. E o número de personagens brancos sobe para 85% e recua para 12% de negros quando contabilizados a relação de protagonistas nas tramas. Ainda nesse estudo, se vê a representação do personagem negro com menores índices de relações familiares e amorosas, com os personagens brancos formando a norma social, e ainda, uma mulata hipersensualizada. Fora a representação estereotipada que o negro tem, sendo sempre representado como "o bom crioulo, o negro revoltado e sempre sensualizado, para satisfazer os desejos de relacionamentos mal sucedidos (MUSSA, 1989).

No que tange o jornalismo, na pesquisa de Silvia e Rosemberg, eles analisam um editorial do jornal "A Tarde", de Salvador. Nele, discursavam o Brasil como o país de relações raciais harmônicas: "Esse clima de virtual democracia racial espanta que faz inveja a boa parte do mundo e só foi possível graças ao processo de miscigenação, que, corpo a corpo, derrubou as barreiras herdadas da escravidão" (A Tarde, apud Conceição, 1995:291). Essa percepção de que tudo está em paz, venha talvez porque os cursos de Comunicação por muito tempo foram cursos superiores majoritariamente brancos, não só pelo baixo índice de acesso de negros ao ensino superior, mas também, pelo fato de ser um curso deveras elitizado. Ainda, quando abordam as lutas da classe negra, a mídia acaba sempre retratando-a como "explosivas" e sempre tem mais destaque, as notícias advindas de manifestações de outros países. O que acontece no Brasil é sempre visto como baderna, quebra-quebra e luta sem motivos.

Sobre a televisão, se repetem os estereótipos da literatura, e o negro é sempre associado ao futebol, carnaval e noticiários de festas. (COSTA, 1988). O que mais surpreende, é que ainda passados vários anos após a escravidão, a primeira protagonista negra em uma novela, só foi ocorrer em 2004, e o título desta trama ainda associa ao estereótipo da mulata sensual: "Da Cor do Pecado". Sob esse viés de negros associados ao entretenimento, pode se observar a postura da FIFA sob a repercussão da escolha dos apresentadores do sorteio da copa, que publicou em seu site uma notícia dizendo que o time foi reforçado com a presença de figuras como Olodum, Margareth Menezes e

Emicida (FIFA, 2010). Sempre no "time" de segunda linha, pois na primeira vem o casal branco e padrão da sociedade.

O CONTRADISCURSO E A TENTATIVA DE DESCONSTRUIR UMA IDEOLOGIA DOMINANTE.

Ao analisar alguns discursos, não considerando os discursos da grande mídia, esses analisados, refletem a posição dos grupos que são discriminizados, sexualizados e vítimas de uma sociedade racista e preconceituosa. O texto escolhido é de um Blog, Geledés - Instituto da Mulher Negra que foi criado em 30 de abril de 1988. É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, combatendo as práticas racistas.

O Instituto Geledés se posiciona sobre diversos assuntos polêmicos, muitos que escrevem para o blog tem uma ligação direta com o Movimento Negro, na busca de direito e combate ao racismo institucional. Sobre o assunto em questão, a escolha de atores, o antropólogo José Renato Baptista responde ao posicionamento de Fernanda Lima, mulher branca que pertence a um grupo social que diz não haver racismo nessa e outras questões que ocorrem no país.

Uma das falas que a apresentadora mencionou ao falar sobre o assunto na Folha de São Paulo: "Só porque eu sou branquinha? Eu pago as minhas contas e meus impostos. O que eu tenho que ver com o racismo? Aliás, onde vocês estão vendo racismo? As pessoas falam estas coisas porque podem ficar anônimas". Nesse sentido, o Professor Renato Baptista inicia seu texto, se apresentando e dizendo que ele não fica no anonimato e que apresentadora de fato tem a ver com o racismo por ser "branquinha" e por ocupar um lugar histórico de mais de 500 anos de opressão.

Nesse primeiro trecho, entende-se que o discurso dominante de Fernanda Lima é respondido por um grupo social, o professor Renato Baptista

representa esse grupo. Van Dijk classifica como exogrupo, o discurso do “Eles”, no sentido que Fernanda Lima, pertencente de uma elite simbólica, enfatiza os aspectos negativos do Eles (grupo que corresponde aos Negros). Dizer que o racismo está presente e que as pessoas estão no anonimato é um equívoco, pois a grande mídia não faz parte dos grupos minoritários. Então, o exogrupo produz seu discurso, mas não são destacados e visualizados como o discurso dominante.

A contribuição de Organizações que produzem contra-argumentos e ações sociais tem um papel fundamental no combate de estereótipos e ideologias. A construção da identidade de uma sociedade se dá a partir de práticas discursivas que permeiam os contextos sociais. Por mais que uma parte da sociedade não assuma e reproduza o discurso preconceituoso, infelizmente grande maioria assume o status *quo* étnico:

“Nossos discursos e outras ações sociais são, portanto, baseados em modelos mentais que são formados por ideologias e atitudes socialmente compartilhadas. Temos, assim, um círculo vicioso e vemos como o discurso que está crucialmente envolvido nas produções do racismo, em geral, na formação de ideologias subjacentes, em particular (p.20).”

O professor Baptista ao discorrer o texto contrapõe a fala principal de Fernanda Lima, “Só por que eu sou branquinha?”, pois, segundo ele a partir dessa afirmação de cor, nega-se que o Brasil é um país miscigenado e que não há racismo por esse motivo (país miscigenado, mas se enxerga como branca). O fato de ela dizer que não tem nada com isso, ou seja, que o grupo social que ela pertence não tem nada com os problemas sociais, isso é fechar os olhos para o extermínio de uma juventude negra, para a escolaridade inferior dos negros e outros problemas sociais.

A ideologia que predomina na sociedade brasileira, devido ao discurso dominante, de que os problemas sociais presentes são culpa somente daqueles que foram afetados, como se o racismo não fosse um problema social, faz com que os mecanismos simbólicos cada vez mais se solidifiquem e naturalizem na sociedade, assim, a opressão é sempre vista como um

problema do “outro”. O fato de a atriz querer se pronunciar e dizer que tem todo direito de aceitar o convite que segundo ela é fruto de uma parceria de 6 anos, é um direito, porém, Renato Baptista ressalta que os problemas sociais são responsabilidade dela, assim como são da sociedade como todo.

O Professor em seu discurso combate as agressões racistas históricas, por meio de sua ideologia, que contribuiu para sua identidade como negro na sociedade, faz com que seu discurso afirme a presença do racismo na sociedade, pois o discurso dominante diz que o racismo não existe, justamente, para não combatê-lo. A grande mídia não exprime os discursos subalternos, mas outros meios de comunicação, escassos, têm contribuído para expressar uma ideologia que deve contribuir para formação social brasileira, levando em consideração que a maior parte da população é negra e esse número não se reflete em âmbitos da sociedade devido a um processo histórico que reproduz um discurso, reforçando tais práticas racistas.

Referências

BERGAMO, Mônica. 'Só porque sou branquinha?', pergunta Fernanda Lima sobre polêmica da Copa. 2013. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2013/11/1378153-cesare-battisti-espera-documento-para-oficializar-permanencia-no-brasil.shtml>> Acesso em 24 fev. 2014.

COSTA, Cristina. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 2010.

COSTA, H. **O negro no teatro e na TV. Estudo Afro-Asiáticos**. Rio de Janeiro, 1988.

DALCASTAGNÈ, R. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 26, jul-dez. 2005.

D'ADESKI, Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo Racismo e Anti-Racismos no Brasil**. São Paulo: Editora Pallas, 2001.

DIJK, Teun A. van. **Racismo e Discurso na América Latina**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FIFA. **Mais dois reforços para o time estrelas do Sorteio**. 2013. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/final-draw/news/newsid=2229185>> Acesso em 24 fev. 2014.

MUSSA, B. **Estereótipos de negro na literatura brasileira: sistema e motivação histórica. Estudos Afro-Asiáticos.** Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, Paulo Vinícios Baptista da; Rosemberg, Fúlvia. Brasil: Lugares de Negros e Brancos na Mídia. In: Dijk, Teun A. van (org.). **Racismo e Discurso na América Latina.** São Paulo: Contexto, 2012.

BAPTISTA, José Renato. Racismo? O que eu tenho a ver com isso?. **Geledés Instituto da Mulher Negra.** Disponível em <<http://www.geledes.org.br/racismo-preconceito/racismo-no-brasil/22176-racismo-o-que-eu-tenho-a-ver-com-isso>> Acesso em 24 fev. 2014.